



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS – IFAL  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

**JOÃO PEDRO FRADIQUE DE LIMA**

**“O DIABO NA RUA NO MEIO DO REDEMUNHO”: O *QUEER*/CU-IR EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”**

**MACEIÓ, AL**

**2025**

JOÃO PEDRO FRADIQUE DE LIMA

“O DIABO NA RUA NO MEIO DO REDEMUNHO”: O *QUEER/CU-IR* EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”

Artigo científico publicado em periódico qualificado (Revista Delos, Qualis B1) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Português, Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Maceió, como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a obtenção do diploma de Licenciatura em Letras-Português.

Orientador Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

MACEIÓ, AL

2025



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Instituto  
Federal de Alagoas  
Campus Maceió  
Biblioteca Benevides Monte**

---

801.95

L732d

Lima, João Pedro Fradique de.

“O diabo na rua no meio do redemunho” [recurso eletrônico] : o queer/cu-ir em “Grande sertão: veredas” / João Pedro Fradique de Lima, Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 1,33 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: Internet.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti.

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto Federal de Alagoas, Universidade Aberta do Brasil, *Campus Maceió*, Maceió, 2025.

1. Letras – Português. 2. Grande sertão: veredas. 3. Gênero. 4. Sexualidade. 5. Performatividades. I. Cavalcanti, Ricardo Jorge de Sousa. II. Título.

---

**Franciane Monick Gomes de França  
Bibliotecária – CRB 4/1831**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS- IFAL  
CAMPUS MACEIÓ**

**ANEXO À PORTARIA Nº 1483/GR, DE 19 DE SETEMBRO DE 2012.**

**ATA DE DEFESA DO TCC**

Aos vinte e seis dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 18h30, foi realizada presencialmente, na sala n.07, do Bloco Principal, *Campus Maceió*, a solenidade de defesa de TCC de João Pedro Fradique de Lima, matrícula 2021002074, com o tema “‘O Diabo na Rua, no meio do Redemunho...’ o Queer em ‘Grande Sertão: Veredas’”, como pré-requisito para a conclusão do Curso Superior em LICENCIATURA EM LETRAS- PORTUGUÊS.

**PARECER FINAL  
APROVADO**

A Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0.

**ALUNO**

**JOÃO PEDRO FRADIQUE DE LIMA**

**ASSINATURA DA BANCA EXAMINADORA**



Documento assinado digitalmente

**RICARDO JORGE DE SOUSA CAVALCANTI**

Data: 09/12/2024 12:30:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr.Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti  
(IFAL) Orientador/Presidente da Banca

Documento assinado digitalmente



**ELAINE CRISTINA RAPOSO DOS SANTOS**

Data: 29/11/2024 11:11:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa.Dra. Elaine Cristina Rapôso dos Santos (IFAL)  
Avaliadora 1

Documento assinado digitalmente



**ELIZABETE BEZERRA PATRIOTA**

Data: 03/12/2024 20:49:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Pedagoga Me. Elizabete Bezerra Patriota (IFAL)  
Avaliadora 2

Documento assinado digitalmente



**DANILLO DA CONCEICAO PEREIRA SILVA**

Data: 09/12/2024 10:51:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva (IFAL)  
Avaliador 3

## AGRADECIMENTOS

O presente artigo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de João Pedro Fradique de Lima, no período civil 2024.2, discente do sétimo período de Letras-Português do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, modalidade presencial, ofertado no Campus Maceió. Além disso, a atuação, na condição de membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Gênero Diversidade e Inclusão (DIGENERI- CNPq/Ifal) e do Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade (NUGEDIS), do Ifal - Campus Maceió, possibilitou-lhe discussões e reflexões necessárias para proceder às elaborações de suas reflexões na condição de professor-pesquisador em formação inicial.

A seguir, os próximos parágrafos dos agradecimentos serão escritos em primeira pessoa a fim de que um dos autores, neste caso, o graduando, possa tecer suas moções àqueles/as que lhe são caros/as.

Dedico o presente trabalho, sobretudo, à minha mãe, Michelle Fradique da Silva, dedicada, carinhosa, cuidadosa e minha maior inspiração nessa jornada acadêmica; exímia professora que suscitou em mim, desde muito cedo, o desejo de conhecer e o gosto pela leitura. Obrigado pela vida, pelo afeto e pelo cuidado.

Ao meu irmão Gabriel Fradique da Silva, a pessoa mais inteligente que já conheci, de genialidade e criatividade únicas, que, infelizmente, o mundo acadêmico ainda não conheceu e talvez não o conheça, mas que teria muito a colaborar.

Ao meu orientador, Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti, pesquisador incrível e professor de um cuidado, afeto e atenção inigualáveis. Obrigado pelas oportunidades, obrigado pela confiança depositada em nossas parcerias, minha inspiração na jornada acadêmica e de docente.

Dedico, ainda, ao colega de pesquisa, Gustavo Matheus Moreira de Gonzaga. Obrigado pelas conversas, pelos risos, pelos desesperos compartilhados durante a formação. Você é uma das pessoas mais fortes e gentis que conheci. Obrigado por estar comigo nesses 4 anos.

À minha companheira, Maria Eduarda Alves da Silva, que esteve comigo nos melhores e piores momentos, nos desesperos e nas tranquilidades dessa jornada. Espero que nosso caminho seja longo, belo, alvo e dourado, como a tenra luz do amanhecer. Amo-te para sempre e de todas as formas possíveis.

Aos meus queridos amigos pelos momentos partilhados, desde nosso Ensino Fundamental, e pelos afetos trocados: Déborah de Castro Egito, obrigado pelo puxões de orelha necessários; Deborah Vasconcelos, pelos gritos e risos; Tiago Couto Moraes, pelos desabafos da correria em nossos encontros no 606,; Douglas Santos Magalhães Filho, pelas piadas, memes e músicas trocadas.

Dedico, sem menor importância, aos afetos mais recentes que a faculdade me proporcionou: Inglyds Jaiane Lima, companheira de Letras-Português, pelas conversas trocadas entre as aulas; Bruna Suélle Teles Cipriano, Licencianda em Biologia, pelas brincadeiras e raivas que me fez, disfarçando o seu afeto e o seu carinho; Keyla Beatriz Farias Santos, pedagoga, música e palhacinha nas poucas horas vagas, pelo seu talento em tudo que toca e pelo calor, carinho e espontaneidade que contagiam.

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas pela formação e todos os professores e todas as professoras que fizeram parte dessa caminhada, de quem sou e de quem irei me tornar; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, por proporcionarem minha participação nos Programas de Iniciação Científica (PIBIC) durante minha graduação. Agradeço à banca examinadora e à sua atenta e cuidadosa leitura do presente trabalho, pelas considerações e contribuições para meu trabalho e para minhas futuras produções.

Por fim, dedico o presente trabalho a todos aqueles e aquelas que participaram diretamente da produção de tudo que tive, tenho ou terei materialmente, culturalmente ou ainda dos conhecimentos que acessei, pois se a classe trabalhadora tudo produz, a ela tudo pertence.

**“O diabo na rua, no meio do redemunho...”: o Queer/Cu-ir em "Grande Sertão: Veredas"**

**“The devil in the street, in the middle of the whirlwind...”: the Queer/Cu-ir in "Grande Sertão: Veredas"**

**João Pedro Fradique\* de Lima**

Graduando em Letras -  
Português Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de  
Alagoas (IFAL)  
Endereço: Maceió - Alagoas,  
Brasil E-mail:  
[jpfl2@aluno.ifal.edu](mailto:jpfl2@aluno.ifal.edu)

**Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti**

Pós-Doutor em  
Linguística Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de  
Alagoas (IFAL)  
Endereço: Maceió - Alagoas,  
Brasil E-mail:  
[ricardo.cavalcanti@ifal.edu.br](mailto:ricardo.cavalcanti@ifal.edu.br)

## RESUMO

Este artigo emerge da inquietação por parte dos autores em relação às temáticas sobre gênero e sexualidade na obra "Grande Sertão: Veredas", renomado romance modernista brasileiro de João Guimarães Rosa, e como a crítica literária brasileira, silenciou as discussões a respeito das temáticas e por vezes tentou domar sua potencialidade e inseri-la dentro dos limites cisheteronormativos, uma vez que tais temáticas se configuram como "*saberes polêmicos*", uma "empíria negra" (Sloterdijk, 2012), um conjunto de saberes que vão de encontro aos valores e às crenças de uma dada sociedade. Por meio de uma análise linguístico-interpretativista (Cavalcanti, 2016) da obra, à luz da Linguística Aplicada Queer/Cu-ir, intencionamos investigar como as performances e as performatividades de gênero e sexualidade emergem nas personagens de Riobaldo e de Diadorim, bem como em sua relação de amor-amizade. A fim de saber o que se tinha produzido a respeito de tais temáticas, foi realizado um Mapeamento Sistemático de Dados (MSD), no Google Acadêmico, bem como no Scielo para compor parte do referencial teórico da investigação em tela.

**Palavras-chave:** Grande Sertão: Veredas; performatividades; gênero; sexualidade.

## ABSTRACT

This article emerges from the authors' concerns regarding the themes of gender and sexuality in the work "Grande Sertão: Veredas", a renowned Brazilian modernist novel by João Guimarães Rosa, and how Brazilian literary criticism has silenced discussions about these themes and at times tried to tame their potential and insert them within cisheteronormative limits, since these themes are configured as "*controversial knowledge*", a "black empiricism" (Sloterdijk, 2012), a set of knowledge that goes against the values and beliefs of a given society. Through a linguistic-interpretative analysis (Cavalcanti, 2016) of the work, in the light of Queer/Cu-ir Applied Linguistics (Moita Lopes, 2022), we intend to investigate how the performances and performativities of gender and

sexuality emerge in the relationship between the characters of Riobaldo and Diadorim.

**Keywords:** Grande Sertão: Veredas; performativities; gender; sexuality.

## RESUMEN

Este artículo surge de la preocupación de los autores por los temas de género y sexualidad en la obra "Grande Sertão: Veredas", reconocida novela modernista brasileña de João Guimarães Rosa, y de cómo la crítica literaria brasileña silenció las discusiones sobre los temas y en ocasiones intentó domesticar su potencial e insertarlo dentro de límites cisheteronormativos ya que dichos temas se configuran como "conocimientos controvertidos", un "empírico negro" (Sloterdijk, 2012), un conjunto de conocimientos que van en contra de los valores y creencias de una determinada sociedad. A través de un análisis lingüístico-interpretivista (Cavalcanti, 2016) de la obra, a la luz de la Lingüística Aplicada Queer/Cu-ir, pretendemos investigar cómo emergen performances y performatividades de género y sexualidad en los personajes de Riobaldo y Diadorim, así como como en su relación de amor-amistad. Para conocer lo producido sobre tales temas, se realizó un Mapeo Sistemático de Datos (MSD) en Google Scholar, así como en Scielo para formar parte del marco teórico de la investigación en cuestión.

**Palabras clave:** Grande Sertão: Veredas; performatividades; género; sexualidad.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao entrar em contato com obras de revisão histórico-literária, a exemplo de "História Concisa da Literatura Brasileira", de Alfredo Bosi (2006), e "História da Literatura Brasileira: Desvairismo e Tendências Contemporâneas", em seu volume 3, de Massaud Moisés (2020), chama-nos atenção para como a crítica literária brasileira lidou com questões de gênero e de sexualidade presentes em Grande Sertão: Veredas, e as interpretou, muitas vezes, ignorando completamente aspectos ligados à homoafetividade e às questões de gênero, que permeiam a personagem fascinante de Diadorim, detendo-se em análises estéticas, puristas, afastadas das subjetividades dos sujeitos que compõem a obra ou, ainda, sujeitando estes a uma ótica da heterocisnormatividade, apagando sua existência para além da fronteira dos discursos hegemônicos a respeito de gênero e de sexualidade.

Cabe destacar que os autores deste manuscrito estão inseridos em um Grupo de Pesquisa relacionado aos estudos sobre gênero, diversidade e sexualidade no âmbito do Ifal Campus Maceió, que é o Digeneri - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Gênero, Diversidade e Inclusão, além de, respectivamente, integrarem uma pesquisa, nas condições de bolsista titular e de orientador, com fomento pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Ifal), a partir de edital da Pró-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação (PRPPI) para concessão de bolsas de iniciação

científica (PIBIC) e, ainda, integram, como membros efetivos, o Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade nesse mesmo contexto de ensino.

A pesquisa “Performatividades LGBTQIAPN+: narrativas autobiográficas e percepções sobre o mundo do trabalho”, intencionou investigar a percepção de discentes e de docentes do Campus Maceió, na consideração das categorias gênero, sexualidade, raça, classe e suas reverberações no ambiente escolar, com vigência entre setembro de 2023 e agosto de 2024. Em curso, a pesquisa “Juventudes LGBTQIAPN+: performatividades e narrativas de formação profissional”, ambas financiadas pelo CNPq/Ifal, com início em setembro de 2024 e previsão de término em agosto de 2025, tem também o fito, na perspectiva de debruçamento sobre categorias e aspectos que foram requeridos na etapa de finalização da vigência 2023-2024, dar continuidade a discussões ligadas à temática sobre gênero e diversidade, voltada à população estudantil LGBTQIAPN+, no contexto no qual nos inserimos, sendo acionadas categorias na inter-relação com a Linguística Aplicada Queer/Cu-ir, como a da juventudes e no prosseguimento de implicações entre currículo escolar e formação para o mundo do trabalho.

O contato direto com a temática permitiu-nos, a partir de uma provocação de um dos autores deste artigo, entrar em contato, mais especificamente, com análises de narrativas multimodais presentes em “Estudo Queer em Linguística Aplicada Indisciplinar”, de Moita Lopes (2022), um dos autores que tem proposto a realização de análises semelhantes em desenhos, filmes e/ou obras literárias que abordassem, em alguma medida, as questões de gênero e sexualidade com as quais temos trabalhado.

Com o fito de verificar o que se tinha produzido sobre gênero e sexualidade na obra “Grande Sertão: Veredas”, realizamos um Mapeamento Sistemático de Dados (MSD), utilizando os strings de busca “Grande Sertão: Veredas”, “Riobaldo”, “Diadorim”, “homoafetividade” e “gênero”, com recorte temporal de 5-6 anos, de 2018 até meados de setembro de 2024, chegando a um total de 5 produções que abordaram as questões de gênero envoltas na obra.

As produções, em sua maioria, filiam-se a uma proposta de estudos pós-estruturalistas e de teóricos dos estudos queer, contudo muito timidamente foram desenvolvidas a despeito das performatividades que incidem na construção das identidades dos personagens, termo que, daqui em diante, será utilizado sempre no

masculino, principalmente ao referenciar Diadorim, intencionando demarcar sua posição enquanto uma representação das *Transgeneridades guerreiras*, conceito aprofundado na sessão de número 4, e a construção de sua masculinidade como um aspecto crucial na construção de sua identidade.

À luz das contribuições da Linguística Aplicada Queer/Cu-ir, doravante LAQ, propomos uma análise linguístico-interpretativista, de caráter indisciplinar e interseccional, sobre como os discursos hegemônicos a respeito de gênero, sexualidade, masculinidades e religião são trazidos à baila por Riobaldo ao narrar sua travessia pelos gerais, um dos muitos nomes utilizados por Rosa para se referir ao Sertão, “aceita todos os nomes: aqui é Gerais, lá o Chapadão, lá acolá a caatinga” (Rosa, 2019, p. 419), além disso analisar como esses discursos cerceiam os contornos da performance e da performatividade na relação de amor-amizade entre Riobaldo e Diadorim. Situamos ainda que a pesquisa se encontra na interrelação dos estudos da LAQ com a literatura, uma vez que é a partir de elementos de estudo da Linguística Aplicada, os discursos sobre gênero e sexualidade, que a análise da obra é realizada. - ∞ <sup>1</sup>

## 2 NOÇÕES SOBRE A LINGUÍSTICA APLICADA QUEER/CU-IR

A Linguística Aplicada (LA) é a área das ciências linguísticas responsável por investigar, compreender e interpretar como a língua(gem) se faz presente em diversos fenômenos sociais e as implicações de seu uso nesses contextos, a exemplo dos discursos hegemônicos que normatizam e legitimam diversas práticas sociais (Moita Lopes, 2006).

Assim, a presente investigação está filiada à Linguística Aplicada Queer/Cu-ir a partir das contribuições de Fabrício e Moita Lopes (2019) e Moita Lopes (2022), que chamam atenção para a necessidade de uma abordagem crítica diante do cientificismo e do positivismo que ainda se fazem presentes nos estudos da língua(gem) e que, em certa medida, ainda fazem a distinção entre linguagem, corpo e sociedade. Nesse viés de estudos, fazem-se necessárias a transgressão e a problematização desses processos cristalizados, essencializantes e biologizantes dos sujeitos que são legitimados por meio dos discursos hegemônicos.

---

<sup>1</sup> A lemniscata, ∞, se faz presente na primeira versão da obra “Grande Sertão: Veredas” demarcando o final dos trechos narrados por Riobaldo.

Para tal feito, a LAQ se propõe a estranhar todo e qualquer discurso de viés positivista e reducionista dos sujeitos que ocultam suas subjetividades e suas identidades em prol de uma forma “legítima” de existir no mundo. Diante disso, a Linguística Aplicada Queer/Cu-ir pode ser concebida como uma área de investigação da LA que se opõe, de forma crítica, aos valores sociais pré-estabelecidos que, de maneira imperiosa, se fazem presentes nas investigações acerca de gênero, sexualidade, raça, classe e língua.

Ademais, é importante salientar o caráter interseccional (Akotirene, 2019) dos estudos na LAQ, reconhecendo a multiplicidade de marcadores sociais que atravessam o sujeito e como esses marcadores se sobrepõem, intensificando ou apaziguando as relações de poder que incidem e regulam os corpos e as identidades desses sujeitos (Foucault, 1987).

## 2.1 PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE

Além da abordagem não essencialista presente na LAQ, a investigação também está filiada às problematizações realizadas por representantes das teorias pós-estruturalistas, a exemplo de Butler (2003 [1990]), posteriormente revisitada por Borba (2023) e Gusmão (2022), e dos estudos *foucaultianos* sobre as relações de poder (Foucault, 1987) que atravessam e se fazem presentes nas diversas relações sociais.

Butler (2003 [1990]) inaugura os estudos da teoria queer concebendo gênero como uma categoria socialmente construída, rompendo com a ideia de um sujeito universal e cartesiano cristalizado na lógica tríade de sexo-gênero-desejo. A teoria queer butleriana estabelece um diálogo com as contribuições de John Austin (1965) e sua teoria dos atos de fala, que concebe a linguagem não como uma descrição do mundo, mas como uma ação, isto é, uma atividade construída pelos interlocutores, sobretudo, mediante o “dizer como um fazer” (Austin, 1965), de modo que esse autor teoriza que alguns enunciados não apenas descrevem situações, mas expressam ordem, desejo ou permissão para determinadas situações, ensejando, assim, uma ação dos interlocutores, atribuindo à língua(gem) um papel performativo.

Tal como ao questionar alguém sobre a localização de um lugar, “Você sabe onde fica a Av. Fernandes Lima?”<sup>2</sup>, não é esperado que o interlocutor apenas responda “Sim” e, seguidamente, vá embora, mas que direcione o sujeito que fez a pergunta sobre como se localizar e chegar ao local desejado, condicionando e permitindo uma ação do interlocutor

---

<sup>2</sup> Considerada a Avenida de maior fluxo, situada na capital alagoana, Maceió.

(ouvinte). A repetição e a reiteração de enunciados como esse, ao longo dos anos, estabelecem parâmetros performativos de “naturalidade” e “legitimidade” para tais atos. Nessa direção, Butler (2003 [1990]) estabelece duas categorias que nos são caras nos estudos sobre gênero aqui discutidos: a performance e a performatividade.

A performance é aqui entendida “como um conjunto de atos, corpóreo-discursivos, constantemente repetidos, que mobilizam recursos linguísticos e semióticos com o intuito de demarcar a identidade do sujeito em dado contexto social” (Cavalcanti; Fradique; Gonzaga, 2024, p.5). Tais atos performáticos precisam dialogar com critérios de legibilidade e (re)significação estabelecidos e “naturalizados” pela memória social, seja para reiterá-los ou para tensionar/romper com esses significados (Gusmão 2022). A performance é constituída pela forma de falar dos sujeitos, sua entonação, suas vestimentas, pelo uso de determinadas gírias, pela presença ou não da gesticulação, pois são elementos flexíveis que podem variar de sujeito para sujeito e entre o contexto social em que estão inseridos.

A performatividade é uma estrutura rígida, “[...] um conjunto de limitações aos atos performativos, e, por conseguinte, de seus corpos, comportamentos e atos discursivos” (Cavalcanti; Fradique; Gonzaga, 2024, p.5), que coercitivamente regula os contornos performáticos dos sujeitos a fim de estabelecer as performances e os modos de existência que são socialmente legitimados e naturalizados, a performatividade é um elemento externo ao sujeito, uma convenção social pré-estabelecida que lhe é imposta (Borba, 2020).

Entende-se aqui como exemplos da performatividade as expectativas lançadas para os sujeitos: homem deve falar grosso, não se mostrar sentimental, se vestir de determinada forma, não sentar com as pernas cruzadas, não usar maquiagem e etc. Já a mulher essa deve convencionalmente demonstrar feminilidade, sentimentalidade, usar maquiagem, realizar tarefas domésticas, realizar trabalhos de cuidado e etc. - ∞

## 2.2 AS ANÁLISES DE “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”

João Guimarães Rosa, nascido em uma pequena cidade de Minas Gerais, em Cordisburgo, formou-se e atuou como médico em meados da década de 1930 e, com pouco tempo depois, ingressou na carreira diplomática, servindo em alguns países como Alemanha, Colômbia e França. Além disso, desempenhou funções de considerável importância no Palácio Itamarati. Em 1936, ganhou prêmio de poesia da Academia

Brasileira de Letras por “Magma”, livro de poesias que permaneceu inédito até 1997 por não agradar o autor (Massaud, 2020), tornando-se um marco significativo e embrionário de sua carreira como escritor renomado na sociedade brasileira.

“Grande Sertão: Veredas” foi lançado em 1956, sendo considerado, do ponto de vista cronológico e estilístico, um romance modernista brasileiro, considerado como a obra máxima de João Guimarães Rosa, por alguns críticos literários brasileiros. Essa obra ganha destaque ao atribuir ao regionalismo, que antes bebia muito das ideias realistas, um “quê” de algo mítico e metafísico. É, sobretudo, recorrendo à linguagem que Rosa estabelece em sua obra as cargas sociais e psicológicas, tensionando as relações semânticas e estéticas (Bosi 2006; Massaud 2020).

A obra rosiana que analisaremos é caracterizada pela travessia e pela dualidade, Riobaldo, o Fausto sertanejo, encontra-se entre dilemas sobre Deus e o Diabo, o cujo, os avessos do homem, entre a jagunçagem e seu desejo de viver calmamente em uma fazenda, entre Otacília, a representação ideal de feminilidade na obra, e Diadorim, seu desejo proibido.

É nesse aspecto que grande parte das críticas se detiveram, a análises dos fenômenos linguísticos pelos quais Rosa estabelece o mítico na paisagem do Sertão, sobretudo mineiro, na sua utilização de elementos característico da poética, aliterações, onomatopeias, rimas internas, alterações mórficas com fim estético, elipses, deslocamentos sintáticos, metáforas, anáforas, metonímias além da utilização de um vocabulário incomum, muitas vezes arcaico e/ou neológico, o autor-artista estabelece um diálogo entre a rítmica fala sertaneja e a sonoridade presente nas cantigas trovadorescas conferindo um ar de novela de cavalaria a sua obra (Bosi 2006; Massaud 2020).

Ademais, é importante contextualizar que a obra de Guimarães Rosa foi produzida em 1956, após o período histórico conhecido como Ditadura Vargas, no qual tais temáticas envoltas aos estudos sobre identidades, sexualidade e gênero não possuíam ainda espaços destinados a debater e a problematizar essas eminentes questões em nossa sociedade. Com efeito, esse apagamento resulta na escassez de discussões e de projeções relativas à temática nessa época. Contudo, mesmo em tempos mais contemporâneos, a Crítica Literária brasileira ainda se mantém aquém desses “saberes polêmicos”, ignorando o que academicamente se vem discutindo desde a década de 1990 a respeito da homoafetividade, bem como sobre acerca das questões relacionadas a gênero na obra, como denunciado por Castro e Bessa (2020) sobre os ensaios e críticas

que emergem no contexto do lançamento da edição comemorativa aos 60 anos de “Grande Sertão: Veredas”, pela Editora Companhia das Letras, em 2019.

Nesse sentido, viemos contribuir, à luz das teorias queer, para tal discussão que se mostra ainda muito tímida em nossa sociedade, reiterando a ideia de que Diadorim pode ser compreendido como uma performance Trans\*, termo “guarda-chuva” utilizado por Letícia Nascimento (2021) para se referir aos indivíduos cujas identidades não são cisgêneras, na obra rosiana, para isso me filio à ideia da representação de Diadorim como uma das donzelas guerreiras presentes em contos ibérico, temática que era de conhecimento do autor como apontam dados biográficos abordados por Bessa (2022) e Maia e Santos (2022), revisada por Maia (2018) que propõe a queerização da categoria de donzelas guerreiras, de forma que não reiteramos aqui o cerceamento e o cabresto (im)posto à obra de Guimarães Rosa pela crítica literária brasileira e sua cisheteronormatividade.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as performatividades que emergem na narrativa autobiográfica estabelecida por Riobaldo sobre sua travessia, cabe aqui ressaltar que “Grande sertão: Veredas” desafia os limites classificatórios impostos pela teoria e pela crítica literária, apesar de ser considerada como uma narrativa autobiográfica pelo seu autor, tal classificação é reiteradamente desconsiderada pela crítica literária, para tal feito nos são caros dois conceitos trabalhados por Guimarães e Moita Lopes (2017), Silva (2020) bem como por Gonzales e Moita Lopes (2016), a saber entextualidade e indexicalidade.

A entextualidade, à luz dos teóricos acessados, diz respeito ao fenômeno de ao entrar em contato com um texto os Discursos, relação entre o uso da língua com o sistema ideológico, político, de valores e crenças que emergem das dinâmicas sócio-históricas e discursivas que nos atravessam (Gee, 1999; Moita Lopes 2022), materializados nele são retirados de seu contexto de produção original, são negociados interpretativamente no decorrer de uma rede discursiva de valores e crenças sócio-historicamente cristalizados, nesse processo a conotação do texto é modificada, mesmo que o novo texto rememore os sentidos de seus usos anteriores.

A indexicalidade, por sua vez, é a característica dos signos linguísticos de agregarem uma dimensão de significados, e mediante suas propriedades textuais recuperarem e apontarem um conjunto de significados construídos socialmente. É através da indexicalidade que podem ser reconhecidos os movimentos discursivos de um determinado contexto interacional e como esses discursos podem/devem ser

compreendidos. É por meio das relações de indexicalidade que arbitrariamente se construiu na sociedade brasileira a ideia que “Você” adquire um tom mais coloquial e “Senhor/Senhora” uma forma mais formal e respeitosa de se referir a alguém, assim determinados signos linguísticos abarcam uma gama de significados mais ou menos legítimos dentro de um contexto discursivo local e social (Silverstein 2003; Moita Lopes 2022).

Intencionando localizar os discursos mobilizados e/ou renegociados na interação entre Riobaldo, que narra sua autobiografia, e o Ouvinte não apresentado, utilizaremos as noções de pistas indexicais, “as quais funcionam como elementos que indiciam os processos de articulação entre arranjos semióticos locais (neste caso, linguísticos) e aqueles macrossociais”(Silva, 2020, p. 423), um conjunto de elementos que nos ajudam a compreender como um recurso discursivo pode ser compreendido pelos interlocutores no momento interacional, e posicionamento interacional, ao narrar uma história o narrador e sua audiência encenam performances identitárias de acordo com a posição por eles ocupada no momento da interação, discutidas por Wortham (2001), Moita Lopes (2022) e Silva (2020), contudo destaco que a narrativa de Guimarães Rosa aqui analisada possui pouquíssimos momentos de interação direta entre Riobaldo, narrador, e seu interlocutor ouvinte, nesse sentido as categorias apontadas não serão utilizadas em toda a gama de possibilidades investigativas que oferecem. -∞.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa em tela pretende, de maneira análoga aos estudos de Gonzalez e Moita Lopes (2017), analisar os contornos da performance e da performatividade que emergem da relação de amor-amizade entre Riobaldo e Diadorim em "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, contudo, destacamos que, a abordagem de Gonzalez e Moita Lopes foi adaptada da modalidade fílmica para a literária.

A análise assume ainda um caráter qualitativo (Minayo, 2012) com ênfase em como os conhecimentos são construídos durante o percurso investigativo a partir, principalmente, da tríade: conhecer-compreender-interpretar, processos basilares para investigações em ciências humanas.

Configura-se ainda, mais precisamente, como uma pesquisa linguístico-interpretativista, tendo em vista que, as pesquisas qualitativas, a partir do conjunto teórico-metodológico utilizado intenciona investigar o fenômeno a partir dos

aspectos e das categorias mais relevantes, mediante a interpretação das ações sociais e dos significados atribuídos.

Nesse sentido, as pesquisas linguístico-interpretativistas têm como objetivo a compreensão e o entendimento do objeto investigado por meio de categorias da Linguística Aplicada Queer/Cu-ir (LAQ), nesse caso, os discursos hegemônicos sobre gênero e sexualidade, performance e performatividade, a saber os contornos do que é “ser homem” e “ser mulher”, e como essas categorias emergem nas relações e na construção dos personagens Riobaldo e Diadorim, na referida obra de Guimarães Rosa.

Além disso, a investigação está inscrita na inter-relação entre a LAQ e a Literatura, sendo assim uma análise linguístico-literária, tendo em conta que a análise literária a que nos propomos está diretamente ligada aos discursos circulantes a respeito das performances de gênero e de sexualidade.

Intencionando averiguar o que já tinha sido produzido e problematizado a respeito das discussões sobre gênero e sexualidade na obra rosiana, e que poderiam contribuir para a presente pesquisa, foi realizado um Mapeamento Sistemático de Dados (MSD) nas plataformas digitais Google Acadêmico e Scielo fazendo o uso dos seguintes descritores: “Grande Sertão: Veredas”, “Riobaldo”, “Diadorim”, “Homoafetividade” e por fim “Gênero”.

Mediante os strings de busca utilizados foram encontrados 0 produções no Scielo e 25 produções em português brasileiro no Google Acadêmico entre artigos, teses, dissertações e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Destes, 3 foram artigos repetidos em diferentes canais; seguidamente, outros 3 artigos foram exclusivamente ligados à palavra gênero, estando voltados a produções sobre gêneros textuais e literários e, portanto, foram descartados; 8 das produções faziam apenas menção a obra "Grande Sertão: Veredas", mas não aprofundaram análises a seu respeito, ficando, por fim, com um total de 11 produções. Das 11 produções, apenas 5 abordaram questões referentes a gênero e à sexualidade na obra de Guimarães Rosa. - ∞

#### **4 O QUEER/CU-IR EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”**

A crítica literária brasileira se negou e se nega a reconhecer toda a potencialidade de significados que vem à tona na obra de Rosa por intermédio das questões queer, as discussões de gênero e homoafetividade, tentando por vezes domesticar o ímpeto da obra submetendo-a ao prisma cisheteronormativo como bem apontado por Castro e Bessa (2020), Bessa (2021) e Maia e Santos (2022).

Como evidenciam Castro e Bessa (2020), a crítica literária brasileira tentou justificar a homoafetividade da relação entre Riobaldo e Diadorim, baseando-se na pressuposição de que Riobaldo sabia ou desconfiava que Diadorim era uma mulher ou ainda que seu desejo por um homem se justificava por Diadorim ser uma mulher disfarçada, mesmo sem o conhecimento prévio de seu amante-amigo sobre o fato, não reconhecendo qualquer possibilidade e existência e de desejo para além dos discursos hegemônicos e da lógica sexo-gênero-desejo (Louro, 2008).

Castro e Bessa (2020) destacam, à luz das críticas de Peter Sloterdijk, que tais tentativas de naturalização do romance de Guimarães Rosa feito pela crítica pode ser justificado pelo fato do romance ser compreendido como uma “empíria negra”, um conjunto de “saberes polêmicos” e abjetos, que por não se enquadrarem nos contornos performáticos socialmente impostos, são silenciados, apagados e invisibilizados.

Não foi incomum, também, a comparação de Diadorim com a categoria das donzelas guerreiras, um arquétipo de personagem comum em contos Ibéricos, Thiago Maia (2018), queerizando a categoria, chama atenção para 4 arquétipos de “donzelas” guerreiras presentes na literatura ibérica, as *mulheres masculinas*, ou masculinizadas, uma vez que não atendem o ideal hegemônico de performance feminina, que são personagens femininas que não foram para a guerra tampouco viveram como homens, as *mulheres guerreiras* aquelas que foram a guerra, mas não viveram como homem, as *donzelas-guerreiras* personagens femininas que foram a guerra e que viveram como homens por um determinado período de tempo e por fim as *transgeneridades guerreiras* personagens que nasceram com o sexo biológico feminino, foram para a guerra e viveram como homens sempre que foi possível, categoria em que localizamos Diadorim.

Propomo-nos a compreender Diadorim enquanto uma representação das transgeneridades guerreiras, dado o fato de que, em toda, obra Diadorim, menino, Reinaldo é apresentado enquanto homem, bem como performa masculinidade dentro do previsto entre, com e para os jagunços durante a obra narrada por Riobaldo. Atentamos destaque para o fato pois a estrutura narrativa de “Grande Sertão: Veredas” é um conto autobiográfico e ao rememorar sua vida, travessia e sua relação de amor-amizade com Diadorim, Riobaldo entra em conflito com os valores sociais hegemônicos do que é ser homem, quais desejos sexuais lhe seriam autorizados e legitimados, bem como com os valores do que é a masculinidade nos Gerais e entre o grupo social ao qual pertencia, os jagunços.

Riobaldo, diferentemente da crítica literária brasileira, não cede à domesticação da cisheteronormatividade e apresenta em sua narrativa reconhecendo Diadorim da maneira como o companheiro de travessia reconhecia a si mesmo, bem como não nega sua relação homoafetiva com ele e tão pouco nos esconde dos conflitos morais que o tomam por amar-desejar outro homem.

Além disso, o único momento na obra em que Diadorim é apresentado performando algum gênero além do masculino é na passagem em que ambos se encontram pela primeira vez, ainda muito novos, às margens do Velho Chico, após uma travessia de canoa em que estão sentados, conversando e comendo quando um outro sertanejo aparece e questiona se poderia participar daquela “sujice” (Rosa, 2019, p. 143), atribuindo as relações que rompem com os padrões cisheteronormativos a característica de sujeira, atribuindo aos que rompem com esse CISTema o lugar da abjeção, pressupondo uma relação homoafetiva entre os garotos dada sua proximidade incomum naquele contexto.

#### Quadro 1- Excerto de “Grande Sertão: Veredas”

“Você, meu nego? Está certo, chega aqui...” **A fala, o jeito dele, imitavam de mulher.** Então, era aquilo? E o mulato, satisfeito, caminhou para se sentar juntinho dele. Ah, tem lances, esses — se riscam tão depressa, olhar da gente não acompanha. Urutú dá e já deu o bote? Só foi assim. Mulato pulou para trás, ô de um grito, gemido urro. Varou o mato, em fuga, se ouvia aquela corredoura. O menino abanava a facincha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na côxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim.

Fonte: Rosa, 2019, p. 143, grifos nossos.

Diadorim-menino, nessa situação assume os contornos da feminilidade e a performa na intenção de seduzir o homem, demonstrando conhecer a arbitrariedade dos limites que distinguem os gêneros, bem como os discursos que idexam aos homens “gays”<sup>3</sup> um estereótipo de feminilidade, para então atacá-lo, não só demonstrando coragem para enfrentar as possíveis violências que seriam destinadas àqueles que transitam além das margens tanto dos comportamentos esperados de indivíduos que performam masculinidade nos Sertões quanto das sexualidades reconhecidas como legítimas nesse contexto.

Em “Grande Sertão: Veredas” um elemento crucial na construção das masculinidades na obra, representada como um diferencial nos grandes chefes jagunços, Joca Ramiro o pai de Diadorim, Zé Bebelo, Medeiro Vaz, é a coragem, presente nos dizeres frequentes de Diadorim.

<sup>3</sup> O termo se encontra entre aspas uma vez que tais noções de sexualidade são modernas, inclusive no contexto brasileiro, ao considerar que os eventos da obra se passam entre a década de 1890-1910, e Riobaldo narra sua história ao ouvinte desconhecido antes do fim da primeira metade do século XX.

**Quadro 2 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

“Você nunca teve medo?” — foi o que me veio, de dizer. Ele respondeu: — “Costumo não...” — e, passado o tempo dum meu suspiro: — “Meu pai disse que não se deve de ter...” Ao que meio pasmei. Ainda ele terminou: — “...Meu pai é o homem mais valente deste mundo.”

Fonte: Rosa, 2019, p. 142.

**Quadro 3 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

“Você é valente, sempre?” — em hora eu perguntei. O menino estava molhando as mãos na água vermelha, esteve tempo pensando. Dando fim, sem me encarar, declarou assim: — “Sou diferente de todo o mundo. **Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...**”

Fonte: Rosa, 2019, p. 145, grifos nossos.

Os fragmentos acima reiteram o papel fundamental da coragem na travessia pelos Gerais e na constituição das identidades dos amigos-amantes, Joca Ramiro, grande chefe, pai de Diadorim é frequentemente representado como um “super-homem”, elevado a um patamar quase mítico devido sua exímia coragem e ousadia, posto em um local onde o afeto e o carinho de outros homens não poderiam constituir “sujice” diante de sua inquestionável masculinidade, “Joca Ramiro era um imperador em três alturas! Joca Ramiro sabia o se ser, governava; nem o nome dele não podia atôa se babujar.”(Rosa, 2019, p.156).

“Diadorim olhava; e também tinha lágrimas vindo por caso. Decidido, deu um à-frente, pegou a mão de Joca Ramiro, beijou. [...] A quantia que ele gostava de Diadorim!— e pousou nas costas dele um abraço. Ao que, se virou para nós, que estávamos. E eu fiz como Diadorim— nem sei porque: peguei a mão daquele homem, beijei também. Todos, os que eram mais moços, beijavam. Os mais velhos tinham vergonha de beijar.” (Rosa, 2019, p.156).

Essa figura mítica de masculinidade, era a principal referência de Diadorim, seu pai, um guru, um guia na construção de sua masculinidade e ao contrário do que a crítica presume, apontado por Castro e Bessa (2020), fica evidente que Joca Ramiro reconhecia Diadorim como filho desde a infância, apesar de seu sexo biológico e seu batismo na igreja com o nome de Maria Deodorina da Fé Bittencourt. A coragem é tomada como um mantra por Diadorim, interpretada pelos autores do presente manuscrito como uma lembrança de seu pai que para viver, transgredir e romper os limites da lógica sexo-gênero-desejo (Louro, 2008) ele “carecia de ter coragem” e ser diferente de todo mundo, a fim de que alcançasse um lugar de poder onde sua masculinidade não fosse mais questionada.

Outrossim, o elemento da coragem introduzido na obra por Diadorim é imprescindível para compreender a travessia de Riobaldo, o menino do de Janeiro, que vira Tatarana o grande atirador jagunço, e por fim Urutu-Branco o grande chefe capaz de superar seu mentor e inspiração Zé Bebelo que o introduziu no mundo da jagunçagem. Não obstante, como mais uma representação de dualidade na obra, a relação de Riobaldo e Diadorim era permeada pelo medo em meio à violência, ao machismo e à misoginia apresentadas na obra como parte do status quo dos bandos de jagunços, o medo de terem suas performances de masculinidade questionadas e coercitivamente adequadas às normas do ideal de masculinidade presente no bando.

#### Quadro 4 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros — porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo — podia morrer.

Fonte: Rosa, 2019, p. 28-29.

Riobaldo e Diadorim assumem, frequentemente, uma postura reativa, mostrando-se durante a obra sempre prontos a responder de maneira igualmente violenta a qualquer questionamento de suas performances enquanto “homens legítimos” devido à aproximação de ambos.

#### Quadro 5 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”

**Mas Diadorim sendo tão galante moço, as feições finas caprichadas. Um ou dois, dos homens, não achavam nele jeito de macheza, ainda mais que pensavam que ele era novato.** Assim loguinho, começaram, aí, gandaiados. Desses dois, um se chamava de alcunha o Fancho-Bode, tratantaz. O outro, um tribufú, se dizia Fulorêncio, veja o senhor. Mau par. A fumaça dos tições deu para a cara de Diadorim — “Fumacinha é do lado — do delicado...” — o Fancho-Bode teatrrou. Consoante falou soez, com soltura, com propósito na voz. A gente, quietos. Se vai lá aceitar rixa assim de graça? Mas o sujeito não queria pazear. Se levantou, e se mexeu de modo, fazendo xetas, mengando e castanhetando, numa dansa de furta-passo. Diadorim se esteve em pé, se arredou de perto da fogueira; vi e mais vi: ele apropriar espaços. Mas esse Fancho-Bode era abusado, vinha querer dar umbigada. [...]

Fonte: Rosa, 2019, p. 139-140, grifos nossos.

#### Quadro 6 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”

Aquilo lufou! De rempe, tudo foi um ão e um cão, mas, o que havia de haver, eu já sabia... Oap!: o assoprado de um refugão, e Diadorim entrava de encontro no Fancho-Bode, arrumou mão nele, meteu um sopapo: — um safano nas queixadas e uma sobarbada — e calçou com o pé, se fez em fúria. Deu com o Fancho-Bode todo no chão, e já se curvou em cima: e o punhal parou ponta diantinho da goela do dito, bem encostado no gogó, da parte de riba, para se cravar deslizado com bom apôio, e o pico em pele, de belisco, para avisar do gosto de uma boa-morte; era só se soltar, que, pelo peso, um fato se dava.

Fonte: Rosa, 2019, p. 140.

Os excertos evidenciam que, apesar de suas performances serem coerentes enquanto jagunço Diadorim ainda era alvo constante de vigilância sobre sua masculinidade por destoar esteticamente da constituição corporal esperada dentro do bando, para isso se fazia valer de elementos como a coragem e a violência, valores constituintes da masculinidade entre eles, como forma de defesa. Nesse sentido Diadorim reitera o apontamento de Louro (1997) a respeito dos gêneros se constituírem nas e pelas relações de poder, reafirmando sua masculinidade se protegendo através do medo do destino que aguardava aqueles que questionavam sua masculinidade.

Saliente-se, ainda, que a violência é um dos comportamentos centrais entre os bandos de jagunços, em especial a violência com aqueles de sexo-gênero dissidentes, a exemplo das mulheres que, em pontuais momentos, aparecem na obra, em sua maioria como uma forma dos jagunços extravasarem seus impulsos, um “divertimento” como mencionado na obra, seja com prostitutas, mulheres casadas, por meio da coerção violenta dos maridos ou de pagamentos aos mesmos, ou ainda chegando as vias brutais e desumanizadoras do estupro, como podemos ver no trecho abaixo:

**Quadro 7 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

Com não terem mulher nenhuma lá, eles sacolejavam bestidades. — “Saindo por aí,” — dizia um — “qualquer uma que seja, não me escape!” Ao que contavam casos de mocinhas ensinadas por eles, aproveitavelmente, de seguida, em horas safadas. — “Mulher é gente tão infeliz...” — me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias. Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam.

Fonte: Rosa, 2019, p. 151.

Diadorim demonstra empatia e condolência com as mulheres na obra, reconhecendo em si a posição ilegítima de existência e de abjeção atribuída a elas, que estão sempre condicionadas à subordinação e à violência diante das autoridades de uma sociedade patriarcal, coronelista e latifundiária dos Sertões, ilegitimidade que se estendia a ele enquanto uma representação das transgeneridades guerreiras.

**Quadro 8 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

— “...Você se casa, Riobaldo, com a moça da Santa Catarina. Vocês vão casar, sei de mim, se sei; ela é bonita, reconheço, gentil moça paçã, peço a Deus que ela te tenha sempre muito amor... Estou vendo vocês dois juntos, tão juntos, prendido nos cabelos dela um botão de bogari. Ah, o que as mulheres tanto se vestem: camisa de cassa branca, com muitas rendas... A noiva, com o alvo véu de filó...” Diadorim mesmo repassava carinho naquela fala. Melar mel de flôr. E me embebia — o que estava me ensinando a gostar da minha Otacília. Era? Agora falava devagarinho, se sonsom, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse. [...] De meu juízo eu perdi o que tinha sido o começo da nossa discussão, agora só ficava ouvinte, descambava numa sonhice. Com o coração que batia ligeiro como o de um passarinho pombo. Mas me lembro que no desamparo repentino de Diadorim sucedia uma estranhez — alguma causa que ele até de si guardava, e que eu não podia entender. Uma tristeza meiga, muito definitiva.”

Fonte: Rosa, 2019, p. 323-324.

Diadorim incentiva Riobaldo a casar-se com Otacília, narrando o ato como um pesar, como aponta Riobaldo ao rememorar o acontecido, de quem sabe que nunca lhe seria concedido a legitimidade de tais rituais tão comuns em nossa sociedade na sua condição abjeta, uma *Transgeneridade guerreira* que nutria desejos homoafetivos em relação ao seu companheiro de bando, de um sujeito que além de transgredir as normatividades de gênero impostas aquelas/es que nascem útero deseja um outro cuja identidade de gênero é equivalente.

Ademais, é importante salientar que mesmo Riobaldo sabendo da genitália de Maria Deodorina seu amor é sempre destinado ao guerreiro, seu companheiro de travessia Diadorim, ao jagunço digno da confiança de Medeiro Vaz, ao filho do grande chefe Joca Ramiro. As características do corpo, mas também do gênero impositivamente atrelado a ele, de Diadorim é mencionado em trechos curtos durante a obra, mas não ganha relevância até as últimas páginas do livro, além disso emergem, durante a narrativa, considerações sobre os hábitos de Diadorim, que intencionava ocultar essa sua natureza biológica.

**Quadro 9 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

Aí nesse mesmo meio-dia, rendidos na vigiação, o Reinaldo e eu não estávamos com sono, ele foi buscar uma capanga bonita que tinha, com labores e três botõezinhos de abotoar. O que nela guardava era tesoura, tesourinha, pente, espelho, sabão verde, pincel e navalha. Dependurou o espelho num galho de marmelo-do-mato, acertou seu cabelo, que já estava cortado baixo. Depois quis cortar o meu. Me emprestou a navalha, mandou eu fazer a barba, que estava bem grandeúda. [...] O Reinaldo mesmo, no mais tempo, comprou de alguém uma outra navalha e pincel, me deu, naquela dita capanga. Às vezes, eu tinha vergonha de que me vissem com peça bordada e historienta; mas guardei aquilo com muita estima.

Fonte: Rosa, 2019, p. 128.

**Quadro 10 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

Depois, o Reinaldo disse: eu fosse lavar corpo, no rio. Ele não ia. Só, por acostumaçãõ, ele tomava banho era sozinho no escuro, me disse, no sinal da madrugada. Sempre eu sabia tal crendice, como alguns procediam assim esquisito— os caborjudos, sujeitos de corpo- fechado.

Fonte: Rosa, 2019, p. 128.

Diadorim performava em seu dia a dia ações que credibilizavam sua masculinidade e mascaravam as características de seu corpo, portando consigo sempre navalha e tesoura, adequando seus cabelos à estética masculina vigente e frequentemente fazendo o uso da navalha para que não suspeitassem de sua ausência de barba e/ou da pouca presença de pelos na face, a vigilância do contexto violento, machista e misógino em que estava inserido incutiu em Diadorim um trabalho pedagógico (Louro, 2008) que repetia performances realizadas por aqueles ditos “legítimos” por corresponderem à lógica sexo-gênero-desejo na tentativa de inscrever em seu corpo esse gênero.

Em sequência, destaco que ao narrar momentos de afeto e desejo por seu amante-amigo, Riobaldo, por vezes, interdita sua fala, drasticamente, muda o tópico da narrativa ou ainda entra em conflito com a persona que hoje assume, casado com uma mulher e longe de seu desejo proibido Diadorim, dentro dos contornos do CISTema patriarcal e da heterossexualidade como norma ( Vergueiro, 2016).

**Quadro 11 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

**De Diadorim eu devia de conservar um nôjo.** De mim, ou dele? As prisões que estão refinadas no vago, na gente.

Fonte: Rosa, 2019, p. 271, grifos nossos.

**Quadro 12 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia. Diadorim— mesmo o bravo guerreiro— ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza— **o que é?**

Fonte: Rosa, 2019, p. 492 (grifos nossos).

**Quadro 13 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

Nego que gosto de você, no mal. Gosto, mas só como amigo!... Assaz mesmo me disse. De por diante, acostumei a me dizer isso, sempre vezes, quando perto de Diadorim eu estava. E eu mesmo acreditei.

Fonte: Rosa, 2019, p. 251.

Tais elementos presentes nos recortes nos são caros uma vez que mediante eles podemos inferir como Riobaldo entextualizou os discursos sobre sexualidade durante sua travessia, conflitando seu desejo por Diadorim com os valores pré-estabelecidos a respeito do gênero e da sexualidade que ele deveria seguir, bem como rememorar e narrar esses afetos e desejos diante de um interlocutor abrem margem para possíveis questionamento a respeito de sua “macheza”, fazendo necessário que Riobaldo enfatize esse signos linguístico de aversão que indexam os discursos violentos destinados àqueles que fogem dos limites performativos que lhe são impostos, compelindo Riobaldo a negar seu desejo e seu afeto por Diadorim, no passado e no presente.

Por conseguinte, ao final de sua narrativa, Riobaldo perde seu grande amor-amigo, tão sacramento descrito, em um combate corpo a corpo com Hermógenes. A esposa do Hermógenes, que em meio às tramas da guerra havia sido raptada pelo bando de Riobaldo, então chefe Úrutu-branco, e construído uma relação de amizade com Diadorim, pede para que todos saiam do quarto, exceto o grande chefe Urutú-Branco, intencionando rezar e zelar pelo corpo de Diadorim, e é nesse momento que revela sua natureza biológica para seu amante-amigo:

**Quadro 14 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

Diadorim— nú de tudo. E ela disse!— **A Deus dada. Pobrezinha...** E disse. Eu conheci! Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. **A dôr não pode mais do que a surpresa.** A côice darma, de coronha... **Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível;** e levantei mão para me benzer— mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! **Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia,** como eu soluzei meu desespero.

Fonte: Rosa, 2019, p. 511 (grifos nossos).

**Quadro 15 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremecei, retirando as mãos para trás, incendiável! abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... **E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo!— Meu amor!...**

Fonte: Rosa, 2019, p. 511 (grifos nossos).

Riobaldo, então inicia uma nova jornada, dessa vez buscando sobre a história de “sua amada” donzela guerreira, tentando compreender o porquê e o como Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins “— que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (Rosa, p.516, 2019), passou sua vida em meio aos jagunços e morreu violentamente, na rua, no meio do redemunho, junto ao Diabo, o cujo, o pactário do Hermógenes.

**Quadro 16 - Excerto de “Grande Sertão: Veredas”**

E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade **dele** não me desse repouso; nem o **nele** imaginar. Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor, e a pessoa **dela**, mesma, **ela** tinha me negado.

Fonte: Rosa, 2019, p. 516 (grifos nossos).

Contudo, achou somente uma certidão de batismo em seu nome, ninguém ouviu falar da menina ou da mulher Maria Deodorina, evidenciando que Diadorim mimetizou, estilizou e performou corpóreo-discursivamente elementos linguístico e semióticos que inscreviam o seu corpo dentro dos limites da masculinidade dos Sertões desde que se entendia como tal, sendo esse um dos elementos centrais na construção de sua identidade e de sua subjetividade, mediante tais fatos que reconhecemos Diadorim enquanto uma representação das *transgeneridades guerreiras* na literatura brasileira. -∞

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A investigação em tela não tem a pretensão de esgotar a discussão, uma vez que “Grande Sertão: Veredas” se mostra ainda um campo muito fértil com diversos significados e problemáticas que emergem do texto e se renovam a cada leitura. Propomo-nos então a problematizar o fosso que há entre as análises estético-literária produzidas sobre o romance de João Guimarães Rosa e as questões de gênero e sexualidade que envolvem Riobaldo e Diadorim.

Ao analisar excertos da obra que evidenciam tais temáticas à luz dos estudos queer, fica evidente o malabarismo feito para enquadrar as temáticas da “empíria negra” dentro dos limites cisheteronormativos de nossa sociedade, como destacado por Castro e Maia (2020) é importante refletirmos que são esses indivíduos em posição de poder e prestígio bem como as relações de poder (Foucault, 1987) que atravessam esses sujeitos sociais que, ainda hoje, silenciam tais “saberes polêmicos” e postulam críticas e ensaios aquém do que academia tem produzido que tensionam e constringem a obra, intencionando domar sua potencialidade e suas possibilidades de interpretação coercivamente inserindo-a dentro dos limites do “normal” e do “legítimo” (Louro, 2008).

Desse forma, como destacado por Lima (2022), em seu lançamento os temas da sexualidade e de gênero não obtiveram tanto destaque devido ao contexto sociohistórico em que as primeiras críticas foram produzidas, entretanto ainda hoje a crítica literária se vende e se recusa a tratar desses corpos abjetos, mantendo-se presa a ideia de um sujeito universal, heterossexual e cis, articulando-se para enquadrar e justificar tudo que fuja da lógica sexo-gênero-desejo em sua literatura “purista” longe desses indivíduos que vivem a margem dos limites (im)postos, reiterando a discussão realizada por Fabrício e Moita Lopes (2019) sobre como os estudos linguísticos ainda fazem uma distinção clara entre a língua, aqui discutida na forma de criação literária, e os sujeitos que a usam.

Ademais, as considerações aqui feitas a respeito de Diadorim enquanto uma releitura queer da temática recorrente nas narrativas ibéricas, as donzelas guerreiras, mais especificamente uma Transgeneridadeguerreira, e de como ele performa uma identidade masculina desde sua primeira aparição no romance, situada nos contornos legitimados dentro dos bandos de jagunços, são apenas algumas das possibilidades de leitura da obra, a pretensa pesquisa não objetiva findar as discussões a respeito de gênero e sexualidade em “Grande Sertão: Veredas”, mas evidenciar essas temáticas essenciais na composição estético-literária da obra.-∞

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. New York: New York Press, 1965.
- BESSA, L. DIADORIM-MENINO: transgeneridade e imagem mitopoética em Grande Sertão: Veredas. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 23, n. 62, p. 105-123, 24 nov. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/116313>. Acesso em: 18 set. 2024.
- BORBA, T. Falantxs Transviadx: Linguística Queer e performatividades monstruosas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 388–409, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35211> Acesso em: 10 dez. 2023.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- CASTRO, G. de; BESSA, L. Crítica do silêncio temático em Grande sertão: veredas: : uma leitura de diadorim1. **Revista Mídia e Cotidiano**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 109-128, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341752030>. Acesso em: 18 set. 2024.
- CAVALCANTI, R. J. de S. Análise textual-argumentativa de processos de retextualização: um cotejo entre a produção oral e escrita de alunos do curso médio técnico e alunos do proeja ensino médio. 2016. 320 f. **Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, 2016. Disponível: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1361>. Acesso em: 18 fev. 2024.
- CAVALCANTI, R. J. de S.; FRADIQUE, João Pedro; GONZAGA, Gustavo Matheus Moreira de. PERFORMATIVIDADES LGBTQI+:: percepções de estudantes no ensino médio integrado e a formação para o mundo do trabalho. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 13 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-12, set. 2024. Disponível em: <https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/anais/trabalhos/lista#R>. Acesso em: 05 set. 2024.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 27. ed. Petropolis: Vozes, 1987.
- GEE, J. P. **An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method** Londres: Routledge. Psychology Press, 1999.
- GONZALEZ, C. R.; LOPES, L. P. da M. Performance narrativa multimodal de Agrado em Tudo sobre minha mãe: desarticulando a autenticidade de gênero. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 16, n. 4, p. 679-708, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO).

GUIMARÃES, T. F.; LOPES, L. P. da M. TRAJETÓRIA DE UM TEXTO VIRAL EM DIFERENTES EVENTOS COMUNICATIVOS: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), [S.L.], v. 61, n. 1, p. 11-33, mar. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/BRSkfyf5LWtcsHh8dnstv7s/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2024.

GUSMÃO, R. Entre a performance e a performatividade: (Re)visitando o gênero pelo campo da memória. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 316–340, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/48508>. Acesso em: 4 mar. 2024.

LIMA, C. R. de. Diadorim e o peso do corpo ou o amor entre dois iguais em Grande Sertão: veredas. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/126952>. Acesso em 13 out. 2024.

LOPES, L. P. da M; FABRÍCIO, B F. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópio**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 712-723, 9 dez. 2019. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.03>. Acesso em: 18 set. 2024.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, H. T. Transgressões canônicas: Queerizando as donzelas-guerreiras. **Cadernos De Literatura Comparada**, 2018. Disponível em: <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/508>. Acesso em: 13 out. 2024.

MAIA, H. T.; VARIZI, Gabriel. Transgeneridades guerreiras: gênero e sexualidade em grande sertão. **Confluenze. Rivista di Studi Iberoamericani**, [S.L.], v. 142, n. 2022, p. 310-329, 21 dez. 2022. Confluenze. Rivista di Studi Iberoamericani. Disponível em: <https://confluenze.unibo.it/article/view/15190>. Acesso em: 18 set. 2024.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, etapas e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/> Acesso em: 29 jun. 2023.

MOITA LOPES, L. P. da. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe. São Paulo: Parábola, 2022.

MASSAUD, M. **História da literatura brasileira**: devarismo e tendências contemporâneas. São Paulo: Cultrix, 2020.

NASCIMENTO, L. C. P. do. **Transfeminismos**. São Paulo: Editora Jandaira, 2021. (Feminismos Plurais).

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, D. da C. P. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 407-442, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO).. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/HzBrWxCrhDRHH6dHk5dyFyQ/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2024.

SLOTERDIJK, P. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SILVERSTEIN, M. Indexical Order and the Dialectics of Sociolinguistic Life. **Language & Communication**, [S.], n. 23, p. 193-229, 2003.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, Suely; CASTRO, Mary; MOUTINHO, Laura. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero**. Salvador: Edufba, 2016. p. 321. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/mg3c9>. Acesso em: 07 abr. 2025.

WORTHAM, S. **Narratives in Action**. New York: Teacher College Press, 2001.